

Ser contemporâneo em *Totem e tabu*: Testemunhos.¹

Miguel Sayad²

Este trabalho foi escrito e apresentado há quase dez anos atrás. No 24º Congresso Brasileiro de Psicanálise, em setembro de 2013, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Apresento-o aqui como testemunho, e talvez como uma memória do futuro: onde estamos agora, mas virou presente e estamos construindo novas memórias do futuro.

O testemunho como um dever e um instrumento do método psicanalítico foi entranhado na minha prática clínica teórica através da leitura e meditação sobre os textos de Primo Levi.

Ao trabalho, acrescentei, depois de seu fim, duas pequenas complementações:

- Notas sobre os antecedentes do texto para o 24º Congresso Brasileiro de Psicanálise e uma proposta de ação humanizadora;
- Excessos e redundâncias necessárias. Hipótese de quadro clínico da transmissão transgeracional inconsciente do preconceito e violência social.

Desaprender a intolerância

A maioria, ou talvez toda, violência social é intimamente ligada à figura paterna, à imagem idealizada do pai primordial. No princípio era a violência e a incontinência do desejo sexual do macho.

1. Este trabalho, bem como a apresentação no Congresso, constituíram-se a partir da Dissertação de Mestrado para a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa de Susana Rocha (2012): "*Pulsões de morte na arte contemporânea: notas sobre universos relevantes*" e do trabalho "*Uma contribuição psicanalítica face às ameaças à saúde das nações: desaprendendo a intolerância e o monoteísmo*" de Miguel Sayad (2009), apresentado no Fórum de Desenvolvimento das Sociedades Cívicas 2009 em Genebra, representando a IPA, durante a Conferência das Organizações Não Governamentais com Relação Consultiva com as Nações Unidas (CONGO).

2. Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

Um desafio para o nosso trabalho e futuro de nossos filhos e netos será desaprender a intolerância e aceitar a humanidade do diferente de nós e abdicar do prazer de matar e de fazer calar. Suportar cada vez mais a frustração e o mal-estar de ser civilizado e transformá-los em construções pacíficas e criativas para o convívio humano.

Entre 1939 e 1945, em consequência do projeto totalitário nazista e da reação a ele, 19 milhões de civis não combatentes foram assassinados. Dentre eles, seis milhões de judeus, no maior evento totalitário da história humana: um projeto de estado de eliminação de um povo.

Freud sugere que pensar é uma forma de ação.

Eu penso que a palavra falada publicamente é um instrumento de transformação pacífica, embora possa também ter o poder de despertar as forças mudas do mal.

A palavra falada: registro preferencialmente masculino e racional.

A ação sem palavras: ação transformadora, remete-nos para o poder afetivo, silencioso, da mulher. Mãe.

Introdução

O que importa não é a razão final, mas o poder de ação que a livre associação de palavras faladas ou imagens vistas podem despertar em nós, ao invés de uma impossível pureza de identidade ou uma verdade impossível.

Sinceramente escrevo/falo a partir de um mal-estar na psicanálise.

De onde advém tal mal-estar?

Eu venho já há algum tempo refletindo e escrevendo sobre a figura de pai e suas identificações e exemplos de conduta que são transmitidos inconscientemente de geração em geração.

Estou no limiar de passar para a indagação sobre a face materna do pai.

O lado feminino do pai. Haverá esta reflexão em *Totem e tabu*?

Acho que vem daí, parte do meu mal-estar. Mal-estar na cultura.

Por ainda estar no registro do pai onipotente, intolerante e ameaçador.

Assim, gostaria de introduzir como um movimento de transição para a face maternal do pai, o trabalho de Marina Abramovic, que pela ação e imagem, sem palavras, reflete e provoca nossa estabilidade e convicções.

Reconheço na interface da arte contemporânea e a psicanálise um espaço potencial de desenvolvimento da clínica psicanalítica, da ação da psicanálise no universo social pós-traumático e para a formação de psicanalistas.

É muito difícil começar começando logo.

Sentimos a necessidade de uma introdução. De alguma coisa, palavras que façam a transição para entrada em cena. A criação de um espaço transicional.

Corre-se risco: a palavra falada como testemunho.

Risco de ser calado pela força do pai, ou de seus dispositivos que fazem com que pareça natural a todos os de boa vontade, que devamos ser comidos e adequados em acordo com os parâmetros do bom convívio em sociedade.

Mas também se pode correr riscos pelo testemunho em ação, muito mais radical que com palavras: na transmissão e no desafio de elaboração da experiência vivida. Vivida em imagens, na subjetividade silenciosa de cada um.

As palavras e os costumes podem ser muito provocantes se temos a atenção flutuando: vamos indo para o lado escuro dos lugares comuns: aqueles mais que ordenados por dispositivos que nos conduzem e nos enquadram em molduras bem estabelecidas: Ordenadas pelo pai. Ordens Religiosas. Ordem e Progresso. Nacionalismos. Pureza Racial.

Sabemos que a des/ordem (desconstruir a ordem) e o escuro são vias da psicanálise que levam inexoravelmente à desconstrução da figura paterna introjetada na infância.

Sou grato à Anettte Blaya Luz por ter lido seu artigo no FEBRAPSI Notícias. Foi como um apoio para lançar-me a meu texto e, também, surpreendentemente, sou grato à Susana Rocha pela sua dissertação de mestrado na Universidade de Lisboa – Faculdade de Belas-Artes: “*Pulsões de morte na arte contemporânea – notas sobre universos relevantes*”. Susana é uma ex residente do EV – Espaço Vazio, projeto de residências criativas que coordeno há mais de 20 anos.

Lembremo-nos que, no mito psicanalítico *Totem e tabu*, os jovens que se uniram para matarem o pai e depois devorá-lo, tiveram na sua origem o apoio maternal. Mamaram e foram cuidados. Tornaram-se fortes e confiantes. Desenvolveram uma imagem de desejo da mulher e por ela mataram.

É parte obscura e esquecida do mito.

Totem. Totem é pai. Pai é soberano. Pai é Deus. Deus Pai Todo Poderoso.

Totem e Tabu é coisa de homens com homens. A mulher lá, “naquela época”, é apenas objeto de posse e gozo. Sem presença ou fala, seja na Ágora como na Urbe. Grécia. Atenas.

Época?

“Uma época não é apenas uma questão de tempo, mas essencialmente um sentido do novo no eterno.” (Almada Negreiros)

E *Totem e tabu* é contemporâneo? Um eterno que se apresenta com um sentido novo na “nossa” época?

Totem e tabu não deve ser tomado como um cânone a ser mantido e confirmado e estudado apologeticamente, e sim ser pensado como uma revelação crítica de uma forma de organização primitiva e anacrônica para nela apoiarmos uma desconstrução necessária da figura de deus e pai na contemporaneidade.

Eu espero, não sei como, mas espero ser contemporâneo ao me deixar invadir pelo totem e tabu.

Decidi me deixar levar pelo escuro. Por premência e abuso do risco: sou psicanalista e estou entre psicanalistas.

O ambiente, assim como as tensões esquizoparanóides, são determinantes da constituição do sujeito e de suas possibilidades criativas. Um bebê nunca esteve apenas em si mesmo, sempre dele fez parte um ambiente, tal como antes a placenta e o circuito sanguíneo e os humores maternos.

Tirar proveito de um mau negócio, falar o que não se deve, faz parte de nosso ofício. E nós temos o mesmo. Facilita a liberdade de expressão. Sem tabus.

Mas mostrar, ver e olhar talvez seja mais radical e eficiente. Pré-verbal.

Sem a defesa das palavras. Mas, eficiente para quê?

Em *Totem e tabu*, uma obra de arte literária, o mito expressa uma concepção de transformação determinada, do meu ponto de vista, não pelo assassinato, mas pelo que se desenvolveu após.

Esses assassinatos eram comuns em muitos lugares sobre a terra. Fazia parte da época. Ao advento de uma nova seguiu-se à reação ao assassinato, constituindo-se então um período transicional simbólico entre a natureza e a cultura e que foi se estabelecendo gradualmente.

O surgimento da humanidade, a constituição da vida social, deu-se em função da reação ao assassinato cabalístico e esta reação é o sentimento de culpa, o esforço de reparação e o surgimento da arte = sublimação.

Rememoração, Reconhecimento e Reparação são as palavras chaves para um novo modo de relacionamento com os conflitos atuais entre nações e para pôr um fim na compulsão a repeti-los. Analogamente, estes três processos fundamentam a resolução de conflitos internos do indivíduo.

E a arte, particularmente a arte contemporânea, atuando diretamente na área da sensorialidade e do impacto direto, comove pelo testemunho e revelações por meio de ações e imagens.

É no limiar da humanidade que surgem as primeiras obras de arte.

“A arte acompanhou desde sempre, estas mudanças relativas ao modo de sentir a morte e viver o luto. A lenda do Nascimento da Pintura, de Plínio-o-Velho, nos conta como a pintura nasceu do ato enlutado de Dibutades, uma jovem de Corinto, que, perante a partida do seu amado traça a silhueta do mesmo a partir da sombra projetada num muro por uma lamparina” (Susana Rocha).

Ainda que ansioso, deixei a vida me levar, e quase não deu tempo para escrever. Pensei em falar no calor da hora: sem memória e sem desejo, ao sabor do espaço vazio e seu preenchimento possível no momento da apresentação, contando com vocês.

Porém, o medo do fracasso está sempre ao lado do homem de hoje em dia, e talvez do psicanalista em busca do sucesso, e do homem comum. Vivemos numa época de medo. Mas não foi sempre assim? Mas então nós não estávamos lá. Agora estamos.

Porém, se atermo-nos à clareza do já estabelecido, dos cânones reconhecidos, cujos dispositivos fazem parte da ordem social ou de classes definidas na sua linguagem e comportamento social, seja na academia ou nas ruas, o caminho do sucesso/progresso se faz muito mais complacente. Sente-se maior segurança quanto à aprovação social.

Porém, somos psicanalistas. Nossos caminhos são pouco claros, nossos sucessos duvidosos, e aos cânones contrapomos a evolução e afirmação das singularidades e subjetividades radicais dos sujeitos do futuro.

Ali onde estava (o) eu bem estabelecido, sujeito-me ao advento de mim e do outro do inconsciente. O resultado é inesperado. Cada sujeito é uma surpresa até para si mesmo. Testemunhamos isso no nosso dia a dia no encontro com os outros – o outro.

Vamos ao tabu e ao totem. Via palavras públicas e sem explicações. Via imagens sem palavras = a mulher.

A propósito do valor sublimatório e transformador da arte, lembro-me dos exemplos de Nan Golding e de Marina Abramovic e ainda de Louise Bourgeois e seus percursos: processos pessoais inicialmente muito agressivos e com conotações autodestrutivas – carregados de pulsão de morte – e que se tornam, na abertura para o outro através de performances públicas, processos transicionais para a própria organização pessoal e de valor transformador para as tensões sociais: pela exposição ao outro social, tornam-se processos sublimatórios do sadomasoquismo inerente ao ser humana, através do afeto, ações e comoção despertados no outro do público.

Passemos antes a uma anedota psicanalítica em que emerge súbito, quase como uma imagem forcluída, certamente dissociada, que confronta inesperadamente a diferença negada pelo tradicional apagamento do valor feminino nas relações entre homens de poder.

Lembremo-nos dos chistes e seu valor inestimável para a construção da teoria psicanalítica, especialmente em seu alcance nas relações sociais:

Um encontro formal em uma grande corretora de valores, entre um senhor respeitável, mais velho, e dois jovens machos experts em finanças e investimentos e uma jovem que levava seu cliente, o senhor, para o encontro.

Uma enorme e circunspecta sala. Os rapazes de terno e gravata. A moça bem elegante. Lucros à vista.

Pois bem, assim se expressavam os rapazes com total desinibição a respeito do mercado financeiro: “tudo estava do caralho!” ... determinado fundo de investimento “tem um gestor do caralho”, mas ninguém podia esperar “que o mercado descaralhasse tão de repente”. Tudo muito natural, linguagem comum até em frente de senhoras e avós. “nem se nota”. Aparentemente nada significava, mesmo para a moça ali presente, certamente submetida a uma recusa de seu próprio que não valoriza como ao próprio do homem.

A conversa segue seu rumo econômico-financeiro, até que o senhor, cliente da corretora, diz: “tudo bem, mas a mim interessa saber quando o mercado vai embocetar!”

Pronto! Foi como um baque!

A atmosfera leve, pesou, constrangimento geral.

A moça ruborizou.

O silêncio apresentou sua densidade reveladora.

Após a recuperação, lapso de tempo, retomou-se a conversa amigável.

Tabu: a palavra que ilumina, alavancando o genital feminino.

Se fosse usada a palavra babaca, que o avilta e diminui, nem um baque ocorreria. Faz parte do cânone. Da linguagem masculina.

Penso que trazer à cena e à linguagem a presença feminina, ali onde está negada, é um trabalho psicanalítico pela paz e tolerância, face às diferenças radicais entre uns e outros, e ainda pela maior eficácia dos processos psicanalíticos.

É o que estou introduzindo para mim mesmo, como recurso pouco explorado: a construção da presença feminina na desconstrução do terror que emana do pai. Do totem e do tabu.

Novidades num universo paranoide e fálico.



Essa performance de Marina Abramovic, que lhe valeu o Leão de Ouro em Veneza em 1997, revela o testemunho como presença amorosa, maternal, que cuida, descarna e afaga os corpos despedaçados. Despedaçados em nome de uma pureza narcísica: racial e religiosa e ideológica, perpetrada pelos novos deuses e heróis: os pais, filhos e maridos.

Com a mulher como figura central e heroica, é o testemunho da presença maternal em ação humanizadora e reparadora, independente de raça, cor, ideologia ou religião.

A dor da perda dando lugar à realização sublimatória, ao testemunho e à revelação.

Tem força ética e estética que rompe as resistências das boas consciências que se amortecem na beleza e na contemplação do que é agradável aos olhos e à boa consciência.

Como a psicanálise, é uma mãe que se debruça nos porões pulsionais do sadismo, com a hospitalidade necessária para que tamanhas e horríveis realizações pulsionais venham à luz da consciência.

Não racionalizada em pensamentos, mas com uma semântica que afrouxa, ou mesmo suspende, os elos do pensamento lógico, lançando-nos nas epifanias advindas dos choques sensoriais: emoções à flor da pele.

É na hospitalidade radical do psicanalista ao horror do outro que repousa a possibilidade de transformação alteritária do sujeito face aos prazeres da realização dos impulsos básicos primitivos.

Particularmente, nós, psicanalistas, não devemos, em função da ética do conhecimento que nos pauta em nosso ofício, fugirmos ao conhecimento e testemunho dos horrores e injustiças: parte inevitável de nossa bagagem humana, do nosso inconsciente reprimido e do isso: daquilo, que não se revela diretamente jamais.

Não é incomum que, como defesa psíquica e resistência ao conhecimento que nos implica como testemunhas, nos inclinemos ao não querer saber como forma de manutenção de nossa tranquilidade emocional. Sintoma mais que conhecido, e de difícil resolução, face ao ganho secundário que pode permitir, em nosso ofício cotidiano como psicanalistas.

Hannah Arendt sustenta que a banalidade do mal se apoia na incapacidade de pensar.

Pensem nas origens literárias da figura do pai idealizado:

“Começa a conquista! ... Provoca-o à luta! A partir de hoje começo a espalhar o terror e o medo de ti em meio aos povos que existem sob o céu. Eles ouvirão a tua fama, tremerão de medo diante de ti e desfalecerão.” Dt 2,24.25

“Apossamo-nos então de todas as suas cidades e sacrificamos cada uma delas como anátema: homens, mulheres e crianças, sem deixar nenhum sobrevivente” Dt 2,34 (conquista do reino de Seon).

Pensem neste exemplo.



Voltamos a isso. Isso o obscuro. O que não se menciona.

O pentagrama impronunciável: o nome de Deus. O Isso. O inconsciente radical.

Tenho tentado, sempre que abordo o tema da agressão e violência, seara privilegiada para a manifestação aberta da Pulsão de Morte, ir além da argumentação abstrata, e talvez metapsicológica, para considerar como a psicanálise poderia contribuir para a paz e tolerância entre os povos.

Uma das maneiras efetivas de a psicanálise contribuir para a paz e a diminuição da violência e intolerância, é o estudo e a desconstrução da figura do pai e de sua relação com a mulher e particularmente com os próprios filhos e com a sua comunidade.



O pai de terno, arma na mão. A mãe protege-se e afasta algo com que se confronta. Entre eles, de corpo inteiro, a filha, sem o recurso da eliminação dos intrusos, nem do afastamento do horror, viva e quase dançando, expõe o sangue derramado do interior de seu vestido negro, como um mágico que expõe, subitamente, um caudal inesperado de revelações, para uma plateia de ossos descarnados.

Palavras-Ação do Pai. O início Mítico.

“Eu passarei na terra do Egito, naquela noite
Eu ferirei todo primogênito do Egito
Do humano ao animal” Ex.12,12

“Este dia será para vós um memorial:
Vós o festejareis
Uma festa p/ Iawhe...
Regra de perenidade, vós o festejareis.” Ex 12,14

“E assim, à meia noite: Iawhe golpeia todo primogênito
Na terra do Egito
Desde o primogênito de Faraó,
Sentado em seu trono, até o primogênito do cativo,
Na casa do fosso
E todo primogênito de animal.” Ex. 12,29

“Não, não há nenhuma casa onde não havia um morto.” Ex. 12,30

Até hoje estes atos são reconhecidos como heroicos e comemorados em honra e gratidão a nosso Pai, a quem tomamos como exemplo e guia e ao qual procuramos nos submeter em obediência e adoração?!

Precisamos estudar a influência da cultura na transmissão inconsciente e na compulsão a repetir os fantasmas do imperativo paterno; e deste faz parte a compulsão agressiva/sádica contra a sexualidade feminina, atingida na carne, lá onde se faz radicalmente diferente e incompreensível aos homens: no órgão genital. Sendo anulado: cortada a carne e a palavra. Sem gozo no prazer do corpo nem no da palavra.

Desta desconstrução necessária das figuras míticas, religiosas e heroicas de um povo, determinadas pela idealização e projeção do pai violento e onipotente da infância, faz parte a construção da presença do feminino positivado. Presença que se debruça, cuida e revela os horrores perpetrados em nome do pai e da família.



**Notas sobre os antecedentes do texto
para o 24º Congresso Brasileiro de Psicanálise
e uma proposta de ação humanizadora:**

Na preparação desta minha apresentação, ainda estava sob o impacto da ida a Cabo Verde, e antes, a Maputo, onde me vi face a face com mitos poderosos que me acompanharam por toda infância:

A África negra e assustadora.

O mito da escuridão da razão e da impulsividade incontida dos negros africanos.

Mito determinado pelo preconceito, ideal de pureza e de superioridade racial, na visão eurocêntrica do mundo, apoiada e instrumentada no seu desejo de conquista e escravização de povos, apoiados na figura do Pai do Velho Testamento: O Pai Onipotente = Deus.

Projeção infame das barbaridades, perpetradas contra os pobres negros barbarizados, e justificadas pelo desejo do Pai Onipotente da Europa. E nós, as crianças do conhecimento, acreditávamos e temíamos os desumanizados e desalmados demônios negros de África.

Por outro lado, a Arte apresenta-se como um dos meios para aproximação de campos antagônicos e incomunicáveis.

A obra de Arte como fenômeno transicional, como objeto intermediário, tem grande potencial para a elaboração e sublimação de ansiedades esquizo-paranoides manifestas em conflitos sociais mudos e surdos e denegados. Arte como obra pública interferindo na dinâmica da cidade e de seus habitantes, criando ambientes e fenômenos transicionais.

A realização da obra, como uma escultura social, envolvendo diversos representantes antagônicos e de diferentes tendências religiosas e políticas, em convívio comunitário, construindo uma nova realidade – a obra e o próprio processo de sua construção – cria uma nova visão de mundo, advinda de um processo criativo compartilhado.

O exemplo paradigmático é a orquestra Divan, composta por jovens palestinos e israelenses, criada por Daniel Barenboim e Edward Said. Um judeu e um palestino.

Propostas

“No sera el paso decisivo para un artista el estar con frecuencia desorientado? No será el arte consecuencia de uma necesidad, hermosa y difícil, que nos conduce a tratar de hacer lo que no sabemos hacer?” (Eduardo Chillida)

Não poderia onde está artista e arte, estar psicanalista e psicanálise?

1 - Criação de uma representação de Psicanalistas das Comunidades de Países de Língua Portuguesa na IPA, ou em órgão a ser criado pelos países da CPLP, voltado especificamente para a promoção da paz em regiões pós-traumas extremados ou envolvidas em conflitos determinados pela intolerância.

2 - Introdução de conceitos psicanalíticos básicos e a teoria e a técnica da constituição do fenômeno transicional no trabalho de acompanhamento pós-traumas extremados para os alunos de faculdades de relações internacionais e de peacemakers em formação. Esta capacitação dar-se-ia através de cursos teóricos, como já experimentamos durante três anos nos ciclos de seminários e simpósios extracurriculares organizados na UCAM, Universidade Cândido Mendes, sob o título: “A visão psicanalítica dos conflitos internacionais”.

3 - Desenvolvimento de uma ação de campo integrada entre a psicanálise e os promotores profissionais da paz. A ação seria a constituição de um fenômeno transicional e o estabelecimento de um objeto transicional: uma obra de arte pública, de grande dimensão e impacto a ser desenvolvida na área intermediária entre os grupos em pré-conflito ou pós-conflito.

Excessos e redundâncias necessárias. Hipótese de quadro clínico da transmissão transgeracional inconsciente do preconceito e violência social

A psicanálise aplicada às origens míticas da violência, preconceito e intolerância na civilização ocidental.

Se nós formos capazes de discutir livremente o que vem sendo repetido em ações.

Se recobrarmos nossa memória verbal perdida, a qual está condensada em nossos mitos de origem e nos seus efeitos pós-traumáticos, nós seremos capazes de dissolver barreiras em nossa psique e contribuir para a abertura de uma discussão global, entre os homens de cultura e boa vontade, daquilo que até agora vem sendo mantido reprimido e dissociado e denegado em nosso psiquismo e ações.

Aplicar a psicanálise à nossa civilização contemporânea implica a análise do monoteísmo e dos mitos bíblicos.

Esses mitos foram incorporados muito facilmente, irrefletidamente, entre o povo comum, talvez como mais um dispositivo do poder estabelecido.

É muito facilmente esquecido que o nascimento de Deus, seu desenvolvimento, seu caráter, suas ideias e ações podem ser conhecidos e acompanhados da mesma forma que nós podemos interpretar qualquer personagem literário.

A prontidão para matar, a violência contra o outro – o estrangeiro, o diferente – e contra aquele que não se submete ao ideal paterno e, talvez mesmo a origem do Terror como um imperativo político é muito bem descrito na Bíblia, e pode ser interpretada e discutida a partir de um ponto de vista psicanalítico.

A transmissão transgeracional inconsciente da intolerância e violência

Ao nível individual, observa-se uma espécie de identificação direta dos filhos com a memória traumática dos pais. Parecem movidos como por um sentimento de obrigação inconsciente. É como se a história de um outro, o pai, estivesse projetada na criança como um corpo estranho com o qual ela se identifica e se submete sem qualquer visão crítica.

É uma identificação de tal forma incorporada que torna-se independente da manutenção de forças repressivas contemporâneas.

O passado e as versões traumáticas dos pais e seus mitos nacionais se misturam com a vida dos filhos, podendo levar à uma falta de sentido da própria vida, exceto o sentido de dar continuidade ao trauma de seus pais, independente de toda cultura humanística que porventura tenham.

Constitui-se um pacto de silêncio e denegação, podendo levar toda uma geração a perder a capacidade de falar e refletir sobre a própria história e sobre seu presente.

O trauma transgeracional se expressa basicamente pela tendência de manutenção de uma cortina de silêncio e pela tendência à repetição da experiência traumática em uma das suas três formas modificadas:

- 1 – vitimização
- 2 – alienação
- 3 – inversão do papel traumático

O processo de elaboração do trauma principia pelo compartilhamento público dos fatos experimentados pessoalmente e as teorias a respeito do acontecido.

Esta retomada do contato com o passado traumático pessoal e sua memória através da fala compartilhada não deve ser objeto de interpretação.

O reconhecimento público, institucional e governamental é peça fundamental para a elaboração do trauma extremado.

É a este processo que denominamos elaboração, do qual é parte integrante o restabelecimento da Justiça e de um novo começo.

Todos nós devemos empenhar-nos para desfazer a “conspiração do silêncio”.

Recebido: 28/06/2022

Aceito: 12/07/2022

Miguel Sayad
mi.sayad@gmail.com